

Interação como contexto da Comunicação

Interaction as a context of Communication

■ JOSÉ LUIZ BRAGA *

RESUMO

O artigo prossegue um debate entre o autor e Ciro Marcondes, sobre suas perspectivas a respeito de *comunicação*. Refletindo sobre cinco ângulos de interesse para os dois autores (mudança pela comunicação; processos da *escuta*; aspectos que fazem parte, ou não, do processo comunicacional; possibilidade de tratar a comunicação por referência a gradientes; e questões de controle dos processos comunicacionais), são observados espaços de acordo mútuo e apresentadas diferenças de encaminhamento. Em busca da base das diferenças encontradas, propõe-se que não se trata de visadas diferentes sobre um mesmo objeto – mas sim de que os dois pesquisadores trabalham problemas distintos, para cujo enfrentamento constituem objetos diferentes

Palavras-chave: agonística, dispositivos interacionais, nova teoria

* Professor titular no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio do Sinos (Unisinos). Doutor em Comunicação pelo Institut Français de Presse. Pesquisador 1A do CNPq. Pós-Doutorado no PPG em Comunicação da UFMG. E-mail: jlbraga@via-rs.net

ABSTRACT

The article continues a discussion between the author and Ciro Marcondes, concerning their views about *communication*. Through consideration on five angles of interest (change through communication, receptivity, elements pertaining or not to the communication process, the possibility of gradients, and control issues), the article examines the areas of mutual agreement and the differences of perspective. Searching the basis of the differences found, the article suggests that the two researchers do not differently work the same object, but instead they develop different problems, for which specific objects are proposed.

Keywords: agonistics, interactional devices, new theory

Paul, disse [Lakatos], você tem umas ideias tão estranhas. Por que não as põe por escrito? Eu escrevo uma réplica, publicamos a coisa toda, e eu prometo a você – vamos nos divertir muito.

Paul Feyerabend, *Contra o método*. Prefácio (2011: 7).

INTRODUÇÃO

PARTINDO DA PREMISSE de que as interações sociais são *o lugar de ocorrência* da comunicação, desenvolvo atualmente um estudo de casos múltiplos, com o objetivo de apreender algumas lógicas do processo interacional. Uma hipótese heurística constrói o objeto de investigação e estabelece a visada para seu exame. O núcleo da heurística é a constituição do que defino como *dispositivos interacionais*: determinadas matrizes elaboradas na prática social viabilizam episódios interacionais e são tensionadas por estes (Braga, 2011b). A própria investigação deve permitir aperfeiçoar essa hipótese.

Na apresentação de algumas destas reflexões à área, em artigo debatido na Compós em 2010 e depois publicado na revista MATRIZes, fiz uma referência extensa a um texto de Ciro Marcondes. Algum tempo depois, esse artigo recebeu uma réplica do pesquisador, também através da MATRIZes¹. De minha parte, tendo feito o primeiro movimento que – quase involuntariamente – deu origem à polêmica, me sinto estimulado pelos desafios que decorrem da resposta que recebi.

Acredito que os resultados de uma polêmica devem ser diversos da submissão de um lado aos argumentos do outro. Dando maior precisão ao processo pelo uso da palavra *agonística*, trata-se de esclarecer a própria reflexão, de entender as diferenças, de perceber os âmbitos possíveis de acordo, e de produzir desafios mútuos, evitando a estagnação das ideias no conforto das posições a que se tenha chegado. É nesse sentido que a polêmica é produtiva para o pensamento e para os participantes – não se trata apenas de decodificar e convencer, mas sim de produzir sentidos.

O presente artigo foi preparado com base em quatro movimentos reflexivos. Inicialmente, procurei apreender as concordâncias que Ciro Marcondes e eu apresentamos em nossas perspectivas a respeito da comunicação – ou, pelo menos, ângulos correlacionáveis.

Procurei, depois, esclarecer algumas proposições expostas em *Nem rara, nem ausente, tentativa* (Braga, 2010) criticadas pelo autor em sua discussão – seja por insuficiência de clareza em meu artigo, seja por decodificação e inferências não correspondentes ao que efetivamente digo. Tentei restabelecer, assim, um espaço comum de posições, para não desperdiçar esforço agonístico em que as diferenças apenas resultem de desentendimento.

1. O artigo inicial é *Nem rara, nem ausente, tentativa* (Braga, 2010). O texto de Ciro Marcondes que aí comento é *Até que ponto, de fato, nos comunicamos* (Paulus, 2004). A resposta de Marcondes é o artigo publicado na revista MATRIZes e intitulado *Dois casos infantis da comunicação: a insuficiência ontológica e a submissão política. Uma discussão com José Luiz Braga* (Marcondes Filho, 2011a).

Busquei também ter clareza sobre minhas diferenças de posição com relação a proposições de Ciro Marcondes. Essas diferenças se apresentam eventualmente como desenvolvimentos distintos sobre posições em que concordamos; mas encontramos, também, diferenças que constituem visadas diversas.

Percebidas as diferenças, a tarefa não estava completa – pois não se trata apenas de expor minhas perspectivas, contrastando-as com as de Ciro Marcondes. Era preciso, ainda, entender *a base das diferenças* – o que me parece necessário para que estas sejam produtivas e para que se evite tratá-las como *verdades* mutuamente excludentes. Tratava-se de observar *o que tentam fazer* essas diferentes posições; qual o âmbito de validade que reivindicam e pelo qual devem ser ponderadas.

Tendo passado por esses processos preliminares de reflexão, pude, então, organizar a sequência de tópicos requeridos pelo tema. São eles: o processo comunicacional como produtor de algo novo; a questão da escuta; o que pode fazer parte ou não da comunicação; a existência de gradientes na comunicação; e as relações entre conhecimento e intervenção no processo comunicacional. Como item de conclusão, procuro entender a base das diferenças entre as duas posições.

*

Um aspecto importante, para o esclarecimento de minhas perspectivas, é a percepção de que não só os pesquisadores se preocupam em compreender a comunicação: também a sociedade e os participantes sociais estão voltados expressamente para o fenômeno, em uma relação prática. A sociedade, suas instituições e pessoas não apenas *se comunicam*, mas pensam sobre isso e organizam largas partes de seu comportamento e seus processos sociais conforme o entendimento que têm a respeito.

Podemos dizer retrospectivamente, a partir do ponto de vista atual, que a sociedade sempre se comunicou. Mas o fato novo que constitui nosso objeto de reflexão apenas começou a se instalar a partir do século XVII – lentamente, no início, até desencadear no século XX uma percepção social maciça dos fenômenos comunicacionais. Essa autoconsciência muda tudo o que ocorria anteriormente. A comunicação aparecia apenas indiretamente, como subsidiária das dinâmicas que a moviam – a ponto de sequer ser percebida. Hoje, a própria questão investigativa é desencadeada por essa condição, básica e disseminada, da forte acuidade social sobre os processos comunicacionais, com sua relevância em todas as instâncias sociais e suas potencialidades. Tal fato faz parte da situação indeterminada que exige nossa investigação. Tenho o objetivo de investigar – *nesse espaço das práticas sociais* – o que a sociedade está fazendo.

MUDANÇA

Um ponto em que tenho sintonia com a teoria de Ciro Marcondes é sua afirmação de que na comunicação *surge algo novo*. A frase completa é: “amplio [essa tese], desenvolvendo o sentido já indicado naquela época, de comunicação ser efetivamente interação, *pela qual surge algo verdadeiramente novo*” (Marcondes Filho, 2011a: 171 – grifo no original). Essa proposição nos situa em terreno comum também em outro aspecto: relaciona expressamente comunicação e interação – perspectiva que está no eixo de minha pesquisa.

Diversas proposições, no artigo, lembram a centralidade da *mudança*, para Marcondes. Por exemplo: “é preciso que ocorra em mim, enquanto participante de um processo comunicacional, uma transformação qualitativa radical” (Ibid.: 176). Ou ainda: “Aquilo que não sou eu, isso sim pode provocar em mim transformações, alterar meu quadro, permitir que eu me transforme” (Idem).

Marcondes não percebe minha sintonia com a *produção de algo novo* pela interação:

Para Braga, sentido jamais é uma produção, algo que ocorre no próprio acontecimento comunicacional como coisa surgida dali. Se consideramos o sentido como algo *sempre já dado*, que nos compete apenas reconhecê-lo, estaremos condenando a comunicação a algo morto (Ibid.: 174, grifo no original).

Essa proposição é talvez inferida de trechos de *Nem rara, nem ausente, tentativa* em que eu trato do reconhecimento de sentidos expressos (voltarei a essa questão). Mas observar o esforço de entendimento não significa restringir a isso a comunicação nem recusar uma produção nova a partir daí. No meu artigo, afirmo:

Isso significa que não somente a comunicação pode acontecer, mas que efetivamente se faz, em algum ponto entre o total sucesso e o total fracasso, como resultado de uma ação, de um trabalho humano e social *para produzir alguma coisa que não está inteiramente dada nos pontos prévios a uma interação* (Braga, 2010: 80 – grifo agora).

Assinalo aí, com alguma força, algo que contradiz a inferência de Marcondes Filho (2011a) sobre minha posição. Posso então reiterar que estamos trabalhando em um terreno comum: a mudança através de processos comunicacionais. Em torno desse acordo, porém, adoto um âmbito ampliado de ocorrências da comunicação.

Em algumas proposições, Ciro Marcondes parece assumir que essa mudança, para ser levada em consideração, deve ser forte, profunda, imediata, autopercebida. Trata-se de “uma experiência efetivamente diferente” (Marcondes

Filho, 2011a: 172). Isso se mostra, também, no artigo apresentado por Marcondes na Compós (Marcondes Filho, 2011b) – em que relata uma experiência na qual estudantes são estimulados a se abrir para a comunicação, assumindo interações que os possam modificar – e quando isso ocorre, percebem e relatam.

Essa experiência especial também parece ser unidirecional (ou, pelo menos, de unidirecionalidade enfatizada pela forma do argumento): alguém muda, alguém “recebe o novo” (Marcondes Filho, 2011a: 172), “eu preciso liberar meu sistema, acolher, me abrir àquilo ou àquele que está me dizendo algo” (Ibid.: 176). Assim, a comunicação acontece, repentina, porque *alguém* se transforma – e percebe que se transforma. Não tenho dúvidas de que tais transformações ocorrem, e que são raras. Quando ocorrem, são efetivamente valoráveis.

Não vejo, porém, por que direcionar nossa observação apenas a esse espaço estrito. Considero os valores comunicacionais da mudança mais variáveis, podendo ser elevados ou não. Acredito que a transformação de base comunicacional é mais sutil – pode ser autopercebida mas, com maior frequência, vamos nos impregnando de pequenas transformações imperceptíveis, até o momento em que, tomando algum distanciamento, podemos constatar que algo mudou, que algo *está em mudança* – sendo preciso refletir ou investigar para perceber os processos e as próprias modificações, seus sentidos, seu lento amadurecimento. Um bom exemplo são as mudanças decorrentes de aprendizagem.

Creio também que as mudanças parecem funcionar melhor em reverberação mútua. Não basta que, tendo alguém dito alguma coisa, um processo/efeito se faça *em mim*, que me modifique, porque eu estava aberto a essa modificação. Parece-me mais interessante pensar que, em interações sucessivas, as pessoas reverberam umas sobre as outras, *se escutam* mutuamente – e, por processos incrementais, *se modificam* a partir de aportes múltiplos e entremeados. Assim como, historicamente, se modificam as instituições.

É claro que há também modificações extraordinárias (raras) do indivíduo, através de sentimentos oceânicos, de processos de revelação, de *insights* por definição súbitos, do *heureka* repentino. Mudam também as sociedades e instituições, por processos revolucionários, por períodos de revisões abrangentes das ideias, dos comportamentos e das relações produtivas. Entretanto, mesmo essas transformações *rápidas* e espetaculares se preparam por transformações incrementais em diferentes ângulos, aspectos e setores que, na conjuntura de sua entrada em relação mútua, acabam disparando a faísca desencadeadora. Vejo com clareza a incidência comunicacional no lento solapar/assorear – mais que no rompimento repentino dos diques.

ESCUTA

Outro ponto de sintonia entre nossas perspectivas se refere à ênfase no que poderíamos denominar de *âmbito de recebimento*. Marcondes Filho apresenta em seu texto algumas proposições em que isso se estabelece:

a comunicação [...] *supõe minha disponibilidade de receber* esse novo, um encontro com a alteridade do outro (Marcondes Filho, 2011a: 172 – grifo nosso);

Para uma informação tornar-se comunicação é preciso que ocorra em mim, enquanto participante de um processo comunicacional, uma transformação qualitativa radical: eu preciso liberar meu sistema, *acolher, me abrir àquilo ou àquele que está me dizendo algo* (Ibid.: 176 – grifo nosso).

Aprecio efetivamente como relevantes tais proposições. Contrariamente a perspectivas mais tradicionais, que enfatizam a mensagem e seu emissor, adoto a fórmula de que *a comunicação está na escuta*. Os estudiosos da recepção vêm estudando com boa produtividade esse ângulo da questão comunicacional.

Em outro artigo (Braga, 2011a), faço uma reflexão sobre observatórios de mídia – considerando-os um trabalho colaborativo de auscultação de determinados processos sociais. Procuro valorizar o sentido da escuta na compreensão da circulação simbólica:

Dada la escucha, dada la importancia de “sintonizar” la recepción, dadas las delicadezas de ajuste de direccionamiento (nunca exacto, siempre disperso y tentativo), hay algo que retroactúa, “modificando” la producción a partir de las expectativas acerca de su recepción y de la repercusión de esas expectativas en la configuración de las hablas (Braga, 2011a: 50).

Essa proposição, aliás, se expõe como um dos aspectos do que afirmo na introdução do presente artigo: processos comunicacionais se apresentam, na prática social, de modo consciente, por uma percepção difusa de sua relevância. Torna-se inevitável pensar sobre eles quando nos engajamos nas interações cotidianas. A sociedade *sabe* que *a comunicação está na escuta*, e tenta funcionar (ainda que o faça de modo canhestro ou tendencioso) conforme essa lógica. Isso muda todo o nosso relacionamento com a ideia de comunicação.

Essa escuta não se limita ao recebimento de informações e ao trabalho interpretativo, processos com os quais Marcondes, adequadamente, não quer confundir o *comunicacional*. No artigo *Circuitos versus Campos Sociais* proponho que:

o *produto mediático* não é o ponto de partida no fluxo. Pode muito bem ser visto como um ponto de chegada, como consequência de uma série de processos, de

expectativas, de interesses e de ações que resultam em sua composição como “um objeto para circular” – e que, por sua vez, realimenta o fluxo da circulação (Braga, 2012: 41 – grifo no original).

Isso significa que a *posição de fala* já se constitui como uma relação de atenção para a escuta (possível), que se torna, assim, produtiva. A ideia de um *contrafluxo*, da recepção para a produção, se contrapõe ao risco de confundir comunicação com o *fluxo informacional*, pois este é sempre unidirecional. Na comunicação, a própria produção é resultante de uma escuta. Entendo, pois, que é da reverberação mútua entre escutas e falas, de parte a parte, que se alimentam os processos interacionais em sua produção de sentido.

O que não imaginamos é que a escuta possa ser tratada em uma chave de apenas duas posições, sim ou não, acolhimento ou recusa. Podemos estar dispostos a nos modificar em presença da alteridade – mas nem sempre conseguimos efetivamente sintonizar de modo fino as proposições. Entendemos e não entendemos. Acolhemos e resistimos. Se observarmos ao redor, em simples consulta às práticas sociais, é inevitável constatar que há graus de escuta, variações complexas na disponibilidade e no acolhimento.

SOBRE O QUE FAZ PARTE DA COMUNICAÇÃO

Alguns aspectos em debate podem ser reunidos como uma observação sobre o que assumimos *fazer parte ou não* dos processos comunicacionais.

Ciro defende a necessidade de não confundir comunicação com *informação* ou com *sinais*. Com efeito, o pensamento sobre o comunicacional às vezes se enredava nessa confusão até os anos 1980. De modo consequente, não se pode assumir a comunicação como uma *coisa* que passa de uma pessoa a outra.

Considerando estabelecidas essas distinções, a pergunta subsequente é: como se relaciona a comunicação com esses diferentes processos e coisas, tais como informação, sinais, interpretação, entendimento, mensagens, produtos?

Marcondes Filho (2011a) faz inferências simplificadoras sobre o que Braga (2010) desenvolve a respeito desses processos. Marcondes infere que

Braga acredita que a comunicação é algo tentativo. A tentativa do participante é, para ele, algo relevante de sua tese (Braga, 2010: 72). É o fato de o receptor buscar uma interpretação da mensagem de forma coerente com o ponto de partida, na emissão (Ibid.: 174).

As duas primeiras afirmações expressam a relevância que efetivamente dou ao aspecto *tentativo* na comunicação. Mas a inferência de que *restringo o tentativo* a interpretar a mensagem *de forma coerente com o ponto de partida*,

na emissão não é coerente com minhas proposições, e não se sustenta diante de uma leitura cuidadosa de Braga (2010).

Não nego, é claro, que pessoas e grupos em interação exercem um esforço de entendimento, como tentativa de perceber o que os outros dizem ou implicam. Creio, aliás, que isso sintoniza bem com a proposta de Marcondes, já referida [“eu preciso liberar meu sistema, acolher, me abrir àquilo ou àquele que está me dizendo algo” (Marcondes Filho, 2011a: 176)] – pois é claro que só posso acolher, em boa consciência e autonomia, aquilo que minimamente compreendo. Contudo, nenhuma proposição do artigo autoriza interpretar que faço um alinhamento biunívoco entre *comunicação* e *entendimento*, e que isso seja excludente de outros processos.

Isso corresponde, então, a uma parte do que caracterizo, em Braga (2010), como as *tentativas do participante*. Que certamente não se restringem a esse esforço específico – os participantes também tentam (e talvez com mais frequência) convencer, contrapor, selecionar, infletir, se defender, agir em comum etc. Além de não restringir as tentativas do participante a *entender*, parece-me bastante claro que o aspecto mais relevante de minha contribuição reflexiva, no artigo, *não se refere às tentativas do participante, e sim às “tentativas do processo”*:

É relevante para nossa tese assinalar que não só os participantes em uma interação acionam suas tentativas (e obtêm ou não sucesso, em diferentes graus e modos, conforme seus próprios critérios); também *os processos comunicacionais*, em perspectiva mais abrangente que a dos participantes, são tentativos.

Podemos então distinguir as tentativas dos participantes e as tentativas sociais que se atualizam a cada episódio interacional – *as tentativas do processo* (Braga, 2010: 72 – grifos no original).

Percebo tais tentativas como base possível para verdadeiras *invenções sociais*. Nada é restrito, portanto, a decodificar mensagens. Aliás, outro aspecto bem claro em Braga (2010) é reivindicar que, ao lado dos códigos – regras, *paracódigos* – que caracterizam toda interação, deve-se levar em conta outro componente, igualmente imprescindível: os processos inferenciais. E ainda: os próprios códigos são vistos *como uma produção resultante das interações*.²

Marcondes afirma também que a busca de interpretação conforme o ponto de partida na emissão “não fala nada da comunicação mas apenas *de sua condição prévia de realização*” (Marcondes Filho, 2011a: 175 – grifo nosso). Justamente: dada essa relação, de ser uma *condição prévia*, a compreensão é um dos aspectos que exigem atenção quando refletimos sobre processos interacionais ou quando participamos deles.

2. Essas proposições de Braga (2010) foram depois desenvolvidas em Braga (2011b). Ver também minha entrevista para Mohazir Salomão Bruck e Eduardo de Jesus sobre o tema, revista *Dispositiva* (2012).

Ciro Marcondes argumenta contra tomar comunicação como passagem de alguma coisa, como *troca* (de informações e sinais). Critica aí, adequadamente, as perspectivas de Shannon. Mas não há base para assumir que eu teria posições semelhantes às criticadas. Na verdade, a área, em geral, já não apresenta essa visão que confunde comunicação com a mensagem; menos ainda com a *interpretação conforme*, na recepção, ao que saiu da emissão – pois é isso que caracterizaria a *comunicação como passagem*.³

A questão é efetivamente mais complexa. Recusando, assim como Marcondes, essa *passagem* simplificadora (pois há sempre transformação, de um tipo ou de outro), não se pode, porém, abandonar a reflexão sobre o papel das mensagens – dessa *coisa* – no *processo* que é a comunicação. No caso dos processos midiáticos, devemos pensar sobre incidências dos produtos (coisas) nos processos de comunicação mediatizada. Reciprocamente, entendemos que os processos, em diversos modos, direcionam os produtos. Aliás, não precisamos observar apenas as interações presenciais e a mediatização de massa. No meio do caminho, pensamos também nas polêmicas⁴ – interações das quais esperamos sempre possa surgir algo novo – mediadas pelo texto escrito: uma *coisa* (artigos) deve estimular processos e viabilizar o desenvolvimento da reflexão. Evidentemente, a *coisa artigo* não corresponde ao veículo, papel e tinta, mas sim às ideias e às ações que aí se articulam na forma de mensagem.

Ora, justamente, *passar mensagens, fazer circular produtos, trocar ideias* (que aparecem na forma de *falas*) – parecem ser, também, condições necessárias, embora certamente não suficientes, para *produzir comunicação*. Por isso mesmo, no artigo *Circuitos versus campos sociais* proponho que

a rigor, não é “o produto” que circula – mas encontra um sistema de circulação no qual se viabiliza e ao qual alimenta. O produto, entretanto, é um momento particularmente auspicioso da circulação – [...] por sua permanência e também porque se molda ao mesmo tempo em que busca moldar os ambientes em que se põe a circular, torna-se um especial objeto de observação para inferências sobre os processos mais gerais em que se inscreve (Braga, 2012: 41).

Podemos dizer, agora, com mais clareza (estimulada por nosso debate): o produto não é apenas uma coisa que circula, é um resultado (variável) das interações. Os códigos e as inferências, como os percebo nos dispositivos interacionais, são elementos processuais.

Precisamos, então, compreender como, nos dispositivos interacionais, funcionam as coisas (mensagens e produtos) e suas passagens (circulação) – para nelas entender quais as lógicas que favorecem a comunicação e quais os elementos que, na passagem, restringem a mudança, a *produção do novo*.

3. O entendimento de *comunicação como processo* parece-me já estabelecido na pesquisa em comunicação. O PPG em Comunicação da Unisinos tem como área de concentração “Processos Midiáticos”. Desde 1998 enfatiza os processos como seu enfoque prioritário, e não as mensagens, os meios ou seus produtos.

4. Ao nos engajarmos na presente polêmica, acionando um dispositivo interacional de ordem agonística, observo que ganhei, adicionalmente, a possibilidade de fazer observação participante.

Sabendo, porém, que por mais que se avance esse conhecimento, o processo será sempre tentativo e o resultado, eventual.

Posso então concluir o presente item com duas proposições sumárias:

- (a) Concordo que processos e coisas tais como informação, sinais, interpretação, entendimento, mensagens e produtos não são elementos conceitualizadores de comunicação. Não fazem parte *do conceito*.
- (b) Entretanto, são processos e coisas em cujo contexto, ou pelo acionamento dos quais, a comunicação se realiza e pode existir, nas práticas sociais. Por isso mesmo, *sem confundi-los* com a comunicação, sem pretender que a *definem*, assumo relevante incluí-los no âmbito da atenção. Fazem parte dos processos como contexto interacional no qual a comunicação se realiza.

GRADIENTES

No presente item, devemos constatar uma diferença específica de visada – sobre a possibilidade ou não de variações de grau no processo comunicacional. É um ponto que merece reflexão, ao ponderar sobre as posições em exame, afastando interpretações que arriscam simplificar o debate, restringindo-o ao nível de mero desentendimento.

Quero apreender, *caso a caso*, uma variedade de tentativas sociais, de valores produzidos e de seus sentidos sociais. Não pretendo, certamente, *medir* tais variações. O que interessa, sobre esse ponto, é evitar restringir o fenômeno comunicacional a alguma coisa que se deva categorizar como de valor humano ou social *alto* – por qualquer critério que se possa adotar; e que simplesmente aconteça ou não aconteça. A se decidir por essa restrição, seria preciso estabelecer os critérios que assegurassem estarmos diante de tal fenômeno, explicitando o modo de reconhecê-lo e descartando tudo o que não atinja o critério de excelência.

Assim, afirmo em meu artigo:

Não parece ocorrer, na sociedade, uma alternativa mutuamente excludente entre uma comunicação perfeita e uma ausência radical de comunicação. Estas duas possibilidades seriam apenas os extremos abstratos de *uma dimensão contínua, com graus, níveis e direções variáveis de atingimento* (grifo agora).

[...]

É claro que valores altos e sucesso comunicacional devem ser compreendidos e buscados, assim como a seus critérios – mas devemos ter uma apreensão mais abrangente do processo, mesmo em seus desvios, ineficiências, valores baixos, resultados canhestros, inclusive para compreender o que se define aí como valor (Braga, 2010: 71).

Para Marcondes, por seu lado, “comunicação não é um gradiente. [...]. Ela é ou não é, e este é um critério radical. Ou é sucesso total ou é fracasso total; ou ela acontece ou não acontece” (Marcondes Filho, 2011a: 177).

Na discussão, relacionado com essa posição, Marcondes afirma que se trata de “fenômenos qualitativos, jamais redutíveis à lógica da proporcionalidade ou da fragmentalidade, *como sugere Braga*” (Marcondes Filho, 2011a: 172 – grifo nosso). Desenvolve seu argumento como se eu estivesse tentando classificar dimensões mensuráveis de comunicação: “há, segundo [Braga], *formas menores* que não devem ser desprezadas. Existiriam, assim, comunicações grandes, médias e pequenas, cujos critérios de mensuração, entretanto, não são expostos muito claramente (Marcondes Filho, 2011a: 172– grifo no original).

Minha proposta de existência de variações é tomada como se implicasse a proposição de *critérios de mensuração*. Não estou absolutamente interessado em uma “categorização da comunicação em valores matemáticos” como sugere Marcondes Filho (2011a: 172). Não sugiro *fragmentar* a comunicação ou propor tratamento *quantitativo*. Trato de variações *de valor* – que é uma qualidade e não um tamanho. Parece-me razoável considerar que qualidades variam... qualitativamente.

Acho efetivamente difícil (senão impossível) estabelecer critérios *apriorísticos*, como regra para distinguir diferentes qualidades. Isso não me impede de perceber que no espaço social – no qual as interações ocorrem gerando modificações em todas as variedades imagináveis de qualidade, valor, intensidade ou significação humana – as comunicações são, mais que *boas ou más*, muito frequentemente canhestras. Todas me interessam – não voltado para a busca de essências, vejo que a experiência é sempre variável. A investigação para nos aproximarmos dessa diversidade se fará pelo estudo de casos múltiplos.

Não se trata de debater sobre a pertinência *genérica* de falar em gradientes, argumentando sobre a possibilidade de observar ou não variações em um objeto consensual; mas sim de constatar que alguns tipos de objeto de reflexão podem ser constituídos se desinteressando de variações; e que outros tipos de objeto exigem, ao contrário, pensar em sua variedade interna.

Essa diferença, de nos interessarmos ou não por gradientes, evidencia estarmos tratando de objetos diferentes. Voltaremos a essa questão no item de conclusão do artigo.

PROBABILIDADE, CONTROLE, INTERVENÇÃO

Temos aqui três temas correlacionados, que se referem a atitudes dos pesquisadores (e dos participantes sociais) com a comunicação e seu conhecimento.

Uma questão menor se refere à *probabilidade*, sobre a qual, a rigor, não há grandes diferenças entre nós, salvo desentendimento. O uso dessa palavra em Braga (2010) – desde sua apresentação na Compós, em 2010 – gerou, entre alguns colegas, a impressão de que eu estaria propondo estudos estatísticos, cálculo de probabilidades, mensurações. Na verdade, apenas considero que, nos processos comunicacionais da sociedade, não há certeza de resultados. Por mais que os *participantes sociais* tenham intenções, objetivos, e se *esforcem para produzir previsibilidade*, a comunicação não é controlável. Por isso mesmo, dou ênfase à palavra *tentativa*. Parece-me inegável que os participantes sociais estão sempre tentando alguma coisa por suas interações (inclusive se comunicar).

Quando Marcondes afirma que “a comunicação é uma coisa que ocorre raramente” (Marcondes Filho, 2011a: 176), e o justifica, entre outras razões, porque “quando torno pública minha opinião é *provável* que o outro a ignore” (Ibid. – grifo nosso) infere a raridade a partir da baixa probabilidade da escuta. Não me viria à ideia supor que o uso das palavras “raramente” e “provável” correspondam ao que um estatístico entenderia e acionaria por tais termos. Entendo-as em seu contexto de origem.

Quando afirmo que “os episódios comunicacionais são probabilísticos – significando que alguma coisa *relativamente previsível* pode ocorrer” (Braga, 2010: 70 – grifamos agora), estou apenas afirmando isso mesmo: que talvez não seja tão provável assim que o outro o ignore ou não compreenda; mas também que não há certeza, nem de sucesso nem de sentidos.

Enfim, se é necessário ser bastante explícito: não estou interessado em mensurações e nem saberia o que medir naquilo que vejo como tentativa. Minhas reflexões metodológicas são antes voltadas para estudos de caso – que se encontram nos antípodas dos estudos quantitativos.

Assim, algumas inferências tiradas dessa suposta ansiedade por mensuração e cálculo devem ser igualmente revistas. Uma dessas é a questão do controle. Ciro propõe: “Quando Braga fala que isso é resultado de uma ação, de um trabalho humano e social para produzir alguma coisa, sobressai a sugestão de que os homens, de alguma forma, comandam o processo (Marcondes Filho, 2011a: 177).

A inferência de que assumo que “os homens comandam o processo” precisaria ser argumentada – pois não o digo (nem implícito). Ao contrário, muito claramente digo que os homens fazem esforços para produzir probabilidade (inventando códigos); mas que os códigos não esgotam o processo. O elemento inferencial abduutivo (por definição não regrado) é essencial para a interação. Nos dois processos enfatizo o aspecto tentativo. Sugiro, assim, que a comunicação se desenvolve com margens variáveis de ensaio e erro. Ora, quem diz “ensaio

e erro” não afirma que o processo é controlado, menos ainda que “os homens comandam o processo”.

Entretanto, Marcondes também discorda da expressão “ensaio e erro”. Propõe, diversamente, que a comunicação “não depende de nós, depende dela mesma”. E mais adiante, na mesma página:

não é o resultado de *uma ação*, é um produto cego, derivação de múltiplas intervenções, de reverberações, do interesse que os agentes têm em repercutir. É no coletivo, no produto múltiplo e indeterminado, que elas viram acontecimento social total. Ninguém é responsável por isso, ninguém o provoca quando quer (Marcondes Filho, 2011a: 177 – grifo no original).

Essa afirmação, aliás, corrobora minha perspectiva, anteriormente neste artigo, sobre a *reverberação* em sucessivas interações. Constatado que frequentemente o tentamos (o que supõe o querer), e não o conseguimos quando o queremos. Essa é a lógica mesmo da tentativa, do “ensaio e erro” e dos processos canhestros. Mas assumo que, quando ocorre, é efetivamente o resultado (não controlado, tentativo) de uma ação humana⁵. Quando Ciro propõe que “a comunicação é um processo muito raro porque envolve uma relação qualitativa com o mundo, que supõe *minha disponibilidade* de receber esse novo” (Marcondes Filho, 2011a: 172 – grifo nosso); e que “eu preciso liberar meu sistema, acolher, me abrir àquilo ou àquele que está me dizendo algo” (Ibid.: 176) – creio que podemos entender que se trata, aí, de ações humanas voltadas para viabilizar a comunicação, ainda que não possam comandá-la.

Finalmente, da inferência de que “os homens comandam o processo” (que, reitero, não corresponde a minha perspectiva), Marcondes tira a consequência de que “Braga fala de comunicação pensando em sua utilização, em sua operação como intervenção social” (Marcondes Filho, 2011a: 178).

Ora, buscar nos dispositivos interacionais gerados pela sociedade uma “percepção de seus processos *para produção de previsibilidade*” (Braga, 2010: 79) não significa, como Ciro infere, que eu me situe em um “paradigma tecnocrático”, que pretenda pensar “a comunicação como um projeto que pode ser administrado” (Marcondes Filho, 2011a: 175).

Há uma grande diferença entre tentar perceber que direcionamentos e intervenções *os participantes sociais* (indivíduos, grupos, instituições) *tentam imprimir* em suas interações (o que efetivamente estou interessado em observar); e pretender – em perspectiva política – direcionar, administrar esse processo. Ou mesmo sugerir que pretenderia dar indicações sobre modos de controlar (codificar) tais processos – o que estaria em evidente contradição com minha própria tese referente a códigos e inferências.

5. Para compreender o sentido que dou a essa ação, podemos referir a *maladresse* percebida por Lévinas (2007: 14): “*Les plus simples de nos gestes comportent tous une maladresse inévitable*” (Os mais simples de nossos gestos comportam todos uma falta de jeito inevitável). Com maioria de razão, os gestos complexos como os da interação – que considero, justamente, como canhestros e tentativos.

Outro aspecto, ainda, sobre a questão da intervenção, é que Marcondes assume uma sinonímia entre “proposta política” e minha expressão “ação praxiológica”. Não são a mesma coisa. Estou interessado em *entender o que ocorre* nas interações que a sociedade e seus participantes produzem e nas quais se engajam. Esse é um objetivo *de conhecimento*. Mas não penso em conhecimento como algo contemplativo, e sim como alguma coisa que pode ser usada para nosso bem estar e agir na sociedade, em busca de melhor entendimento entre os humanos.

Uma ação praxiológica relacionada ao conhecimento não é uma *política de intervenção* – mas sim a esperança (e gestos relacionados) de que esse conhecimento, compartilhado, pode resultar benéfico para a vida.

Considerando as preocupações pedagógicas de Ciro Marcondes (2011b), assim como o denodo com que trabalha uma polêmica como esta, a distinção fica evidente – pois tanto o esforço pedagógico como o trabalho humano da agonística recaem claramente no âmbito das ações praxiológicas. E não suspeito que sua reflexão se inscreva em um paradigma tecnocrático. Somos ambos praxiológicos.

EM CONCLUSÃO: A BASE DAS DIFERENÇAS

Popper propõe que “compreender uma teoria significa [...] compreendê-la *como uma tentativa de resolver um determinado problema*” (2009: 252 – grifo no original). Isso leva à pergunta: que problema cada um de nós tenta enfrentar?

O objetivo de Ciro Marcondes para sua Nova Teoria da Comunicação é muito claro: constituir uma conceituação do fenômeno, superando a insuficiência ontológica da área. “Como posso defender uma tese de que há ou de que não há comunicação se eu não explicito claramente, antes de qualquer coisa, o que é, para mim, a comunicação?” (Marcondes Filho, 2011a: 170).

A busca de Marcondes exige um esforço de abstração – para *apreender comunicação* com rigor ontológico, é preciso mesmo afastar conceitos próximos, fazendo ressaltar o objeto de atenção em sua limpidez conceitual. Este passo é assumido como preliminar necessária para qualquer outra abordagem.

Quando essa perspectiva é cotejada com os problemas que tento trabalhar, torna-se possível perceber, para além das diferenças, suas bases. Não estamos simplesmente dizendo coisas diversas a respeito de um mesmo objeto, mas sim elaborando objetos diferentes, na busca de encaminhamentos *para os problemas que queremos enfrentar*.

De fato, há insuficiência ontológica – trabalhamos, na área, com um fenômeno muito pouco apreendido. Entretanto, essa insuficiência não impede a pesquisa⁶. Sabemos que há algo que atravessa todos os processos sociais de modo relevante. Meu ponto de partida é que a sociedade (ainda que em termos práticos ou de senso comum) *sabe que a comunicação desenvolveu essa importância*.

6. Trabalho particularmente essa questão no artigo que apresentei no PROCAD Unisinos/UFJF/UFMG (inédito – encaminhado para periódico da área, aguarda decisão).

Assumo, além disso, uma posição bastante compartilhada que relaciona *comunicação e interação*. As interações envolvem toda uma variedade de processos sociais, nos quais efetivamente *se misturam* aquelas coisas e processos que a visada de Ciro exige abstrair. Mas considero que as interações são *o lugar de ocorrência* da comunicação. Se não sabemos exatamente o que é o fenômeno, sabemos, entretanto, que está ali – sem o quê, sequer pensaríamos a respeito.

Na minha visada, o passo preliminar não é conceituar o fenômeno para, *depois*, ir à realidade separar as instâncias e práticas que correspondem ao conceito; mas sim ir à realidade, observar as práticas que os próprios participantes relacionam como sendo *comunicação*, para em seguida, sobre essa diversidade prática, depurar algum delineamento do fenômeno, por aproximação sucessiva⁷.

Meu problema é então outro, diferente da busca de conceituação prévia. Trata-se de investigar esse objeto – *interações* – para apreender suas lógicas e processos na prática social; tendo como norte uma preocupação com o fenômeno comunicacional que acredito exercer aí uma dinâmica principal. Diferente de abstrair, essa tática é voltada para um processo de *desentranhamento* do comunicacional, que tenho defendido em alguns artigos.

Para esse objeto e essa busca específica de conhecimento, não é possível separar previamente a comunicação de seu contexto interacional. As relações de dupla direção entre esse contexto e o fenômeno são tais que o processo não sobrevive à separação. É preciso *inferir o fenômeno*, não imediatamente perceptível, a partir de pistas e indícios encontrados no ambiente social de sua ocorrência. É o que me faz enfatizar uma aproximação indiciária na pesquisa do comunicacional⁸.

O que significa, em síntese, essa diferenciação entre as duas posições? Estamos interessados em dois objetos diferentes. Não se pode pretender que um desses objetos seja válido ou verdadeiro – e que o outro seja inválido ou falso. De minha parte, não tenho nenhuma pretensão de desqualificar o objeto constituído por Marcondes. Apenas considero que cada objeto exige determinados tratamentos, e não outros; se presta a determinadas descobertas – e não a outras.

Entendo, assim, que, com preocupações relativamente próximas – a relevância do comunicacional, a especificidade desse saber – fazemos diferentes apostas, tanto no que se refere à construção de objetos reflexivos, como no encaminhamento da investigação.

Se as duas visadas forem reexaminadas a partir dessa percepção do que tentam diversificadamente fazer, acredito ser possível apreendê-las para além da mera contestação mútua, permitindo valorizar o processo agonístico no que este tem de mais comunicacional. ■

7. Sobre esse tipo de abordagem, ver Paul Feyerabend, 2011, capítulo 16, itens 2 a 9, p. 243 a 254.

8. Em 2007 apresentei no GT de Epistemologia da Comunicação artigo sobre essa questão, depois também publicado em Matrizes (Braga, 2008).

REFERÊNCIAS

- BRAGA, José Luiz. Circuitos *versus* Campos Sociais. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JÚNIOR, Jeder; e JACKS, Nilda (orgs.). *Mediação e Midiatização*. Livro Compós 2012. Salvador: EDUFBA, p. 31-52, 2012.
- . La política de los internautas es producir circuitos. In: CARLÓN, Mario e FAUSTO NETO, Antonio (orgs.). *Las políticas de los internautas*. Buenos Aires: Editora La Crujia, p. 43-59, 2011a.
- FEYERABEND, Paul. [1975] *Contra o método*. São Paulo: UNESP, 2011.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Entre nous. Essais sur penser à l'autre*. Paris: Grasset, 2007.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Até que ponto, de fato, nos comunicamos?* São Paulo: Paulus, 2004.
- POPPER, Karl. [1996] *O Mito do Contexto. Em defesa da ciência e da racionalidade*. Lisboa: Edições 70, 2009.

Endereços eletrônicos

- BRAGA, José Luiz. Dispositivos Interacionais. Apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação, no *XX Encontro da Compós*. Porto Alegre, UFRGS, 2011b. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1657.doc>. Acesso em: 16 jan. 2012.
- . Nem rara, nem ausente – tentativa. *Matrizes*, Ano 4, nº 1, jul./dez. São Paulo: ECA/USP, p. 65-81, 2010. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/179/300>>. Acesso em: 16 jan. 2012.
- . Comunicação, disciplina indiciária. *Matrizes*, Ano 2, vol. 1, série 2. São Paulo: ECA/USP, p. 73-88, 2008. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/85>>. Acesso em: 16 jan. 2012.
- BRUCK, Mozahir Salomão; JESUS, Eduardo. Prof. Dr. José Luiz Braga: Dispositivos interacionais como lugar para dialogar e tensionar conhecimentos. *Dispositiva*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 28-35, jan./jul. 2012. ISSN 2237-9967. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/dispositiva/article/view/2817/3103>>. Acesso em: 16 jan. 2012.
- MARCONDES FILHO, Ciro. Duas doenças infantis da comunicação: a insuficiência ontológica e a submissão à política. Uma discussão com José Luiz Braga. *Matrizes*, Ano 5, nº 1, ago./dez. São Paulo: ECA/USP, p. 169-178, 2011a. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/205/pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2012.

_____. De repente, o prédio falou comigo. Anotações sobre experiências metapóricas em Teoria da Comunicação. Apresentado no GT Epistemologia da Comunicação, no *XX Encontro Anual da Compós*. Porto Alegre, UFRGS, 2011b. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1656.doc>. Acesso em: 16 jan. 2012.

Artigo recebido em 18 de junho e aceito em 16 de agosto de 2012.